



DEBATE TEÓRICO EM TORNO DA CONSTRUÇÃO DO CABRA-MACHO E DA MASCULINIDADE TÓXICA

DEBATE TEÓRICO EN TORNO DE LÁ CONTRUCCIÓN DEL ‘CABRA-MACHO’ Y LA MASCULINIDAD TÓXICA

THEORETICAL DEBATE ON THE CONSTRUCTION OF THE ‘CABRA-MACHO’ AND TOXIC MASCULINITY

*Thatiane Oliveira do Nascimento*¹

RESUMO

O presente texto tem como propósito apresentar reflexões sobre o debate teórico de uma pesquisa de doutorado em curso, que problematiza os discursos que constroem as masculinidades tóxicas e sua aproximação com o homem nordestino, o cabra-macho, descrito pelo autor Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013). Para tanto, recorreremos a bancos de teses e dissertações, na intencionalidade de levantar o conhecimento construído até outubro de 2023 sobre a masculinidade tóxica. Através da perspectiva pós-estruturalista de inspiração foucaultiana, lançamos a problematizar os investimentos no ser/estar masculino construído nas pesquisas anteriores. Percebemos que a pesquisa em curso se distingue das demais realizadas, haja vista que as reflexões pretendidas versam sobre as práticas discursivas que constroem as masculinidades, o cabra-macho, problematizadas no espaço escolar, através dos campos de conhecimento do gênero e da sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades tóxicas. Masculinidades. Cabra-macho. Gênero e sexualidade.

RESUMEN

El objetivo de este texto es presentar reflexiones sobre el debate teórico de una investigación doctoral en curso, que problematiza los discursos que construyen masculinidades tóxicas y su acercamiento al hombre nororiental, el ‘cabra-macho’, descrito por el autor Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013). Para ello, utilizamos bancos de tesis y disertaciones, con la intención de recopilar el conocimiento construido hasta octubre de 2023 sobre la masculinidad tóxica. A través de la perspectiva postestructuralista de inspiración foucaultiana, nos propusimos problematizar las inversiones en lo masculino que se construyen en investigaciones anteriores. Nos damos

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE - Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas Gerais. Professora/Supervisora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Pública de Ensino da Paraíba, Brasil.

cuenta de que la presente investigación difiere de las demás realizadas, dado que las reflexiones pretendidas abordan las prácticas discursivas que construyen masculinidades, el ‘cabra-macho’, problematizadas en el espacio escolar, a través de los campos de conocimiento del género y la sexualidad.

PALABRAS-CLAVE: Masculinidades tóxicas. Masculinidades. Cabra-macho. Género y sexualidade.

ABSTRACT

The purpose of this text is to present reflections on the theoretical debate of an ongoing doctoral research, which problematizes the discourses that construct toxic masculinities and their approach to the northeastern man, the ‘cabra-macho’, described by the author Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013). To do so, we used banks of theses and dissertations, with the intention of gathering the knowledge built until October 2023 about toxic masculinity. Through the post-structuralist perspective of Foucauldian inspiration, we set out to problematize the investments in male being constructed in previous research. We realize that the current research differs from the others carried out, given that the intended reflections deal with the discursive practices that construct masculinities, the ‘cabra-macho’, problematized in the school space, through the fields of knowledge of gender and sexuality.

KEYWORDS: Toxic masculinities. Masculinities. Cabra-macho. Gender and sexuality.

* * *

*Sim, decididamente, fazer de alguém
um homem requer, de igual modo,
investimentos continuados.*

Guacira Lopes Louro

Introdução

Na epígrafe de Guacira Lopes Louro (2008), duas ações nos chamam a atenção. A primeira está centrada no verbo “fazer”, e a segunda, no “requerer”, de tal forma que as duas juntas denotam um certo investimento em transformar alguém em homem. Assim, “fazer de alguém um homem, requer [...] investimentos continuados” (Louro, 2008, p. 18), como afirma a autora. O verbo “fazer” nos aponta para uma ação de alguém sobre um outro, uma construção, ao mesmo tempo que propõe um resultado, uma mudança de um estágio para outro. Por sua vez, o verbo “requerer” é quase um sinônimo de exigência. Desse modo, fazer de alguém um homem é uma ação sobre alguém que exige estratégias, vigilância, disciplina e controle. Isso não significa que essas ações sejam conscientes. Elas são sutis, cotidianas, repetitivas. À medida que transformam o outro, elas também agem sobre aquele que se constitui na transformação do outro, num processo relacional – agir sobre o outro é agir sobre si mesmo.

Com essas ideias presentes na epígrafe, Louro (2008) se junta a um conjunto de autores e autoras de uma perspectiva de investigação – pós-estruturalismo – que considera que nós somos sujeitos em constante construção, “[...] que os sujeitos se constituem de múltiplas e distintas identidades (de gênero, de raça, etnia, sexualidade, etc.), na medida em que são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais”. (Louro, 2007, p. 240). São essas múltiplas e constantes construções que estamos interessados em investigar, ou seja, como vamos nos tornar o que somos? Como somos capazes de produzir discursos de verdade sobre nós mesmos? A partir de que pertencimentos identitários?

Somos sujeitos que carregamos diferentes e diversos pertencimentos, dentre eles, ou o primeiro deles, o de gênero, segundo Judith Butler (2019). “Assujeitado pelo gênero, mas também subjetivado por ele, o “eu” não precede nem sucede ao processo de atribuição de gênero, apenas emerge internamente a ele como a matriz das próprias relações de gênero”. (Butler, 2019, p. 24). O fazer-se pertencente a um gênero refere-se a um processo de “investimentos continuados” entre os sujeitos assujeitados a um saber do que vem a ser homens e mulheres. Dizer isso significa pensar que há um caminho desenhado, que existem modelos a serem seguidos e que nos permitem afirmar que somos homens, a partir de aproximações ou distanciamentos do que é tido como apropriado a homens. Também podemos pensar que esses processos indicam uma vigilância para que não se afaste do que é recomendável no que foi estabelecido por determinada cultura em determinado tempo histórico para os pertencimentos de gênero.

São essas problemáticas de investigação que nos interessam neste artigo, que é parte de uma pesquisa mais abrangente de doutorado, que tem como objetivo problematizar as masculinidades tóxicas no contexto escolar, no Estado da Paraíba, buscando aproximações e distanciamentos desse tipo de masculinidade com o modelo masculino “cabra-macho”. Esclarecido esse vínculo entre o artigo e a pesquisa, é importante dizer que o foco deste texto será a discussão teórica e a construção de um debate acadêmico em torno dessas expressões de masculinidades – a tóxica e o cabra-macho – duas expressões que nos inquietam num contexto específico do Nordeste brasileiro. Para isso, organizamos o texto em cinco partes. A primeira é dedicada a construir o campo problemático de investigação, que se desdobra em apresentar os entrelaces entre os assujeitamentos masculinos através da norma e o reflexo desses assujeitamentos nas relações entre si e os gêneros. A segunda parte dedicamos a discutir a construção das masculinidades e os discursos que constroem o homem nordestino, o

cabra-macho. Seguimos descrevendo o contexto histórico do surgimento do termo “masculinidade tóxica” e suas interlocuções entre os conceitos encontrados. Na quarta parte, problematizamos a construção das masculinidades tóxicas desde a infância através das pedagogias culturais e do espaço escolar. Finalizamos com apontamentos sobre a pesquisa de doutorado em curso.

Masculinidades no contexto nordestino

Na perspectiva das relações de gênero e da sexualidade, as masculinidades, em parte, são descritas como vivências que atravessam os corpos materializadas em “tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar, assim por diante” (Raewynn W. Connell, 1995, p.189). Se a constituição do “eu” não procede e tampouco sucede a atribuição ao gênero, como nos lembra Butler (2019), ele é o que falamos dele, os discursos que produzimos sobre nós mesmos como homens ou mulheres. Ao escrever a história da sexualidade, Michel Foucault (2023) nos chama atenção para a necessidade de nos dedicarmos à história dos discursos. Seguindo as trilhas de Foucault, Butler argumenta que o gênero é, desde o início, normativo, mostrando-nos que ele “não só funciona como norma, mas também é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governam [...]” (Butler, 2019, p. 15). Consideramos que as normas descritas por Butler (2019) são estabelecidas a partir dos discursos disciplinares descritos por Foucault (2014), que constroem as verdades sobre os corpos e comportamentos para determinada sociedade. Contribuindo com essa reflexão, Louro (2008) descreve que os discursos formam e formulam as sociedades a partir de questões de interesses, objetivos do que se tenha como ideal social, em determinada época histórica.

A partir desses autores e autoras, estamos trabalhando com o entendimento das masculinidades como discursos construídos em determinadas sociedades e tempos históricos, o que não nos permite falar dessa categoria de análise no singular, mas sim no plural. As masculinidades vão variar de uma cultura para outra e dentro de uma mesma cultura. No caso brasileiro, dadas às proporções continentais do país, temos masculinidades que vão diferenciar de região para região.

Diante dessas reflexões, nossos olhares se voltaram para problematizar uma construção de masculinidade diferente das demais regiões do país. Que características distinguiriam o homem nordestino? O que é ser homem no nordeste do Brasil? Como o homem nordestino se relaciona entre si, com as mulheres e com as pessoas LGBTQ+? Essas questões nos conduziram para olhar a produção das masculinidades no Nordeste

brasileiro, mais especificamente, no Estado da Paraíba. As respostas possíveis para elas nos levaram à construção de uma categoria de análise: o cabra-macho.

Para Durval Albuquerque Júnior (2013), o cabra-macho nordestino tem ligações com a própria história do Brasil, com a transição do poder econômico e político da Região Nordeste para o Sudeste, de tal forma que ele é definido como “um tipo tradicional, um tipo voltado para a preservação de um passado regional que estaria desaparecendo”. (Albuquerque Júnior, 2013, p. 150). Esse passado patriarcal estaria sendo substituído por uma sociedade moderna efeminada. Ao se contrapor a essa transformação, o cabra-macho nordestino:

É definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos. O nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava. (Albuquerque Júnior, 2013, p. 150).

Ser conservador, viril, defensor, aquele capaz de resgatar o patriarcalismo são as características desse tipo específico de masculinidade. O investimento nesse tipo de masculinidade vai estar presente na literatura, na música, no cinema, entre outras práticas culturais que vão construir essa representação do homem nordestino como cabra-macho. Mas, afirmar essas práticas de constituição do sujeito não nos isenta de inquietações, de incômodos que nos levem a colocar sob suspeita as forças regulatórias que produzem, demarcam, diferenciam e governam os corpos masculinos do homem cabra-macho nordestino.

Os incômodos surgem quando nos deparamos com os processos violentos que estão presentes como reguladores e efeitos dessa construção de cabra-macho. Os questionamentos perpassam dados de violência contra mulheres e pessoas LGBTQ+ ligados aos comportamentos violentos dos homens. Em 2023 houve um aumento de 23% de violência contra mulher no Nordeste do Brasil. Esses dados referem-se aos estados de Alagoas, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. O Grupo Gay da Bahia (GGB), durante os anos de 2020, 2021 e 2022, registrou a Região Nordeste como líder das mortes violentas das pessoas LGBTQ+. Mendes *et al* (2020) através de uma revisão sistemática das características dos homicídios contra a população LGBTQ, realizada em nível mundial, afirma que 100% dos autores desses homicídios são homens. Mendes e Silva (2019), apesar de não citarem qual porcentagem do gênero dos autores

dos crimes, sempre se referem no masculino, o que nos permite pensar que os autores são majoritariamente homens.

O levantamento apresentado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP – informou que, em 2022, ocorreu um aumento de violência contra mulher e que 8 de cada 10 autores de feminicídio são parceiros ou ex-parceiros das vítimas. De acordo com pesquisa do instituto DataSenado, 30% das mulheres brasileiras já sofreram violência doméstica causada por um homem.

Ao fazermos um recorte para o Estado da Paraíba, escolhido para realizar a pesquisa, encontramos dados ainda mais preocupantes. Em 2023, a Paraíba foi o Estado da Região Nordeste com maior índice de feminicídio, de acordo com a proporção de habitantes, sendo 35 vítimas em 2023. Comparando com o ano de 2022, houve um aumento de 34,6%. “A violência, a luta, o derramamento de sangue teriam sido a tônica desse processo de colonização e de constituição do homem nordestino” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 175). A violência enquanto prática discursiva presente na constituição do homem nordestino converge com os dados apresentados. A construção de um homem nordestino tinha requintes de violência e crueldade. Sabemos que a violência atinge outros sujeitos, conforme mostramos nos dados. Entretanto, poderíamos pensar que os padrões de gênero também contribuem para uma violência contra si?

No Brasil, dados do Ministério da Saúde revelam que em 2019 a morte de homens por suicídio foi de 10,7 por 100 mil, enquanto entre as mulheres o número foi de 2,9 por 100 mil. Podemos pensar o suicídio como um problema de gênero? De acordo com os dados constantes no artigo “Suicídio: uma questão de gênero”, sim. Os dados revelam que as mulheres efetuam mais tentativas, entretanto os homens conseguem executar devido à forma escolhida para deixar de viver, como mais violentas e, por conseguinte, mais letais. Entretanto, um outro fator que nos chama atenção está associado aos papéis de gênero que, de acordo com a pesquisa, são motivadores para que os sujeitos desistam de viver. Para Stela Nazareth Meneghel *et al* (2012), “(...) o patriarcado, um sistema de poder no qual os homens controlam as mulheres, tem gerado uma “arapuca estrutural”, na qual ambos os sexos são penalizados”. (Meneghel *et al*, 2012, p. 1984). Neste sistema que também cria uma hierarquia de poder entre as masculinidades e as feminilidades, “a autoaniquilação pode ser percebida como a última estratégia disponível pelos que têm menos poder para influenciar o comportamento de outros” (Meneghel *et al*, 2012, p. 1984).

As autoras ainda afirmam que os códigos de honra construídos na esfera sociocultural corroboram esses resultados. As práticas discursivas que constroem as normas para os papéis de gênero matam homens e mulheres. A violência também recai contra si. Estudo realizado no Brasil por região, apontou a região Nordeste e Centro-Oeste como as com maiores índices de suicídio entre os anos de 2008 a 2018. Sabemos que as motivações são multifatoriais. Entretanto, os códigos de honra são descritos enquanto “arranjos que acontecem no contexto de culturas patriarcais que enfatizam os papéis tradicionais de gênero” (Meneghel *et al*, 2012, p. 1986). Esses papéis tradicionais de gênero podem contribuir para que homens e mulheres, ao se sentirem incapazes de os atenderem, atentem contra a própria vida.

Os assujeitamentos vivenciados contribuem para uma performance masculina que violenta também o autor das violências. “Seja por motivos eugênicos, telúricos ou histórico-culturais, o nordestino é definido como cabra-macho, é cabra da peste, homem de fibra, uma reserva de virilidade nacional” (Albuquerque Júnior, 2013, p.153). O autor aciona uma construção discursiva sobre o homem nordestino como uma referência nacional de virilidade, o “macho por excelência”, é nomeado de cabra-macho enquanto sujeito restaurador de condutas patriarcais.

Albuquerque Júnior (2013) apresenta a existência de uma intencionalidade política para que através da cultura a região nordestina recuperasse um olhar valorizado em relação às demais regiões do país, e a imagem do homem nordestino seria essa redenção. “[...] o nordestino vai ser definido como macho por excelência, capaz de revitalizar uma região que precisava reagir, região estuprada e penetrada por interesses e valores estranhos” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 151).” O discurso falocêntrico é instaurado como uma norma, como forma para conduzir a uma imagem que contrapusesse a subordinação a São Paulo, diante do declínio econômico que a Região Nordeste sofreu no século XIX.

São esses saberes que constroem o cabra-macho. Na perspectiva foucaultiana, não há sujeito sem assujeitamento, uma vez que não há sujeito sem saber. Foucault (2023) descreve como assujeitamentos as construções socioculturais que circunscrevem as subjetividades dos sujeitos. Buscando dar conta da produção discursiva em torno do cabra-macho como uma marca do homem nordestino, organizamos uma pesquisa que foi realizada em três plataformas, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (OASISBR), e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Nela, tanto o termo cabra-macho, quanto masculinidade tóxica nos interessava, isso porque queríamos pensar se as masculinidades tóxicas seriam responsáveis pelos comportamentos do cabra-macho e se as características de cabra-macho eram atravessadas pelas masculinidades tóxicas. Nesse caminhar, lançamos um olhar para as pesquisas que construíram o entendimento das masculinidades tóxicas. Nossa intencionalidade era compreender o que os diversos campos discutiam sobre a masculinidade tóxica, haja vista que era um termo recente para nomear uma possibilidade de ser/estar masculino.

O que é ser homem? Masculinidades em construção

Essa pergunta-título já foi respondida de forma prática e direta, segundo Giancarlo Spizzirri, Carla Maria de Abreu Pereira e Carmita Helena Najjar Abdo (2014). Uma resposta que tem um antes e um depois. Antes do advento dos feminismos, o gênero era entendido como consequência das características biológicas, que determinavam se alguém era homem ou mulher. Seria necessária a presença do falo para ser considerado homem. Diante de uma afirmação de que os instintos estariam direcionando os sujeitos, uma ideia de sujeito com características inatas baseadas no sexo biológico foi instaurada. Os feminismos representaram uma ruptura com esse pensamento, defendendo o caráter construcionista e relacional dos gêneros. As diferenças não estariam na natureza nem no biológico, mas elas seriam construídas no social, nas relações entre homens e mulheres.

Nessa linha de disputa, Albuquerque Júnior (2023, p. 151) descreve que “O nordestino será inventado como o macho por excelência, a encarnação do falo, para se contrapor a esse processo visto como feminização [...]”. O autor denuncia uma construção discursiva em torno do homem nordestino, na busca de assujeitamentos que trouxessem a representação do macho por excelência. Nessa perspectiva, “[...] a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas” (Robert W. Connell; James W. Messerschmidt, 2013, p. 257). É interessante notar como a ideia de macho por excelência invoca uma primazia do biológico, que seria a natureza do homem nordestino na sua origem. No entanto, há um investimento na produção discursiva que reafirma esse homem cabra-macho, de maneira que ele depõe contra a ideia de natureza. Se o nordestino cabra-macho fosse natural, porque tanto investimento discursivo em torno dele?

Esse investimento no nordestino cabra-macho nos convida a pensar como as práticas discursivas circunscritas na cultura direcionam e estabelecem as normas, que

governam os sujeitos e seus corpos, como destaca Foucault. No caso das construções das masculinidades, mais do que relação entre gênero e sexualidade, parece que há um embaralhamento. Ser homem é ser heterossexual. Foucault (2023) nos ajuda a pensar nesse embaralhamento quando apresenta a sexualidade como um dispositivo atravessado por relações de poder. Os saberes, as estratégias, as normas, os discursos, as regras, as instituições, tudo isso constituiu essa rede, e tudo isso está atravessado por relações de poder. Assim, a sexualidade e as relações de poder são vias de mão dupla; as relações de poder estão na constituição das sexualidades, assim como as sexualidades constituem relações de poder. As estratégias presentes nas práticas discursivas que direcionam o assujeitamento do homem nordestino estabelecem virilidade, defesa da honra, macheza, coragem e valentia, entre outras características, para construir o “macho por excelência”. Fernando Seffner (2016) afirma que adjetivar um homem de macho expressa um instinto natural, ligado a comportamentos que derivam da existência de um pênis. Corroborando isso, Jairo Barduni Filho (2017) defende que a cultura heteronormativa circunscreve a aprendizagem do que é ser macho ao distanciamento do feminino.

As práticas discursivas que constroem os gêneros e as sexualidades estão entrelaçadas nas relações de poder. Nesse sentido, as normas sociais também são tecidas para fomentar controle sobre os corpos no que tange aos comportamentos dos gêneros. As normas sociais estabelecidas para o comportamento dos gêneros quando pensadas como referentes ao feminino são entendidas como fragilidade que precisam ser substituídas por construções patriarcais. É esse pensamento que parece nortear a construção do homem cabra-macho, que se sentiria ameaçado pela substituição de “um passado patriarcal”, (...) por uma sociedade “matriarcal”, efeminada” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 150). Os discursos estabelecidos para construção do “macho por excelência” se entrelaçaram com as práticas discursivas que circunscrevem gêneros e sexualidades. Foucault (2023) descreve como estratégia estabelecida dentro do saber poder, a construção da sexualidade como campo de conhecimento, “[...] um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização [...] (Foucault, 2023, p. 77). Os discursos que constroem a sexualidade de forma concomitante também o fazem com o gênero, a histeria enquanto patologia passível apenas no feminino, por ser entendida enquanto atribuição a presença do útero, mostra-nos como as práticas discursivas estabelecem um saber-poder que reverberam sobre os sujeitos, ou seja, os jogos de poder estão presentes nesses campos de disputas.

Nessa perspectiva, a construção histórica do homem nordestino apresenta os jogos de poder estabelecidos na esfera dos gêneros e das sexualidades. Gênero e sexualidade são acionados nos jogos de poder como marcadores para construção do “macho por excelência”. Os enunciados do feminino estavam estabelecidos em inferioridade e fragilidade. “O afeminado no homem é desprestigiado, objeto de desprezo, colocado em patamar inferior ao feminino da mulher, a existência de um homem afeminado fornece o exemplo do que não se deve fazer, do que não se deve ser [...]” (Seffner, 2016, p. 179). Negar as características femininas nos comportamentos e na sexualidade, estabelecendo a heteronormatividade como pertencimento. O “macho por excelência” precisaria das características ligadas ao gênero masculino estabelecidos enquanto heterossexual.

Nesse sentido, Butler (2003) desestabiliza os discursos que circunscrevem as normas de comportamento de gênero, enquanto ações ligadas ao falo, e estabelece que, assim como os gêneros e as sexualidades, são invenções dentro do arcabouço cultural das sociedades afirmando que “[...] tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto a formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (Butler, 2023, p. 16). Dessa maneira a autora problematiza as normas de comportamento e estabelece uma forma de olhar para os gêneros, compreendendo-os enquanto construção histórica social, estabelecidas na esfera cultural, assim como a biologia. Ou seja, os comportamentos não são inatos, não existe um instinto que direcione os sujeitos, antes são educados dentro de uma cultura que estabelece o que pode e o que não pode para o gênero e para as sexualidades. Nesse sentido, Joan Scott (1995) descreve a construção dos gêneros como relacional, assim quando pensamos no “macho por excelência”, a mulher nordestina também está sendo estabelecida enquanto construção histórica social. A construção do homem nordestino foi realidade dentro de práticas discursivas que idealizavam um macho por excelência. Teria essa construção direcionado para assujeitamentos circunscritos nas/pelas masculinidades tóxicas? Seria o homem nordestino, o cabra-macho, um resultado das masculinidades tóxicas? Na intenção de problematizarmos essa possibilidade, apresentamos estudos que abordaram as masculinidades tóxicas.

Masculinidade Tóxica: conhecimento em questão

O termo Masculinidade Tóxica aparece, na pesquisa realizada por Isaque do Nascimento Cabrera (2023), como uma crise da masculinidade iniciada no século XVIII na França e na Inglaterra, “[...] onde se reclamava de um aviltamento dos valores morais

e do comportamento masculino” (Cabrera, 2023, p.9). A crise descrita coincide com o período da Revolução Francesa. A Revolução Francesa, assim como as demais revoluções burguesas do século XVIII, marcaram a transição do Antigo Regime para a contemporaneidade. Esses movimentos estruturam os pilares da dominação patriarcal capitalista na contemporaneidade. Uma das marcas dessa dominação, o falocentrismo, também pode ser entendido como uma prática discursiva responsável por categorizar a mulher enquanto frágil. O discurso que liga as mulheres a uma certa fragilidade por sua natureza biológica converge para apresentar o que Scott (1995) e Louro (2008) consideram enquanto construção dos gêneros de forma relacional. De acordo com momentos históricos nos quais as sociedades estejam inseridas, a construção o feminino é forjado enquanto inferior, e ao masculino são atribuídas características de superioridade.

Foucault (2023) também cita o contexto histórico do século XVIII como o período da proliferação discursiva em torno da sexualidade, refutando a hipótese repressiva como marca da modernidade. Para demonstrar essa explosão discursiva, Foucault vai destacar a construção da histerização do corpo feminino. O corpo da mulher foi patologizado pela medicina da época como o único para estar/ser acometido de histeria, excluindo-se essa possibilidade para o masculino. Esses investimentos tiveram efeitos sobre os sujeitos, e ainda somos herdeiros deles. Os estudos das relações de gênero e sexualidade vão inspirar as análises de Foucault para demonstrar como essa sociedade do século XVIII influenciou a formação de um padrão masculino, que ultrapassou fronteiras, circunscrevendo todo o ocidente.

Dialogando com essas ideias, podemos supor que ainda sentimos esses efeitos quando olhamos para o que acontece no Nordeste do Brasil, na construção de um padrão social no qual o masculino, materializado no cabra-macho, busca manter essa supremacia masculina, própria do modelo patriarcal.

Mantendo a perspectiva histórica, Cabrera (2023) vai afirmar que foi no contexto histórico da década de 1970, que surgiu o *Men's Moviments*, tanto nos EUA quanto na Europa. Nesse movimento, os homens “pregavam contra as restritas prescrições do gênero masculino, que podiam causar efeitos negativos para os homens” (Cabrera, *apud* Pedro Paulo de Oliveira, 2004, p. 9). Oriundo desse primeiro movimento, surgiu o Mitopoético dos Homens, liderado pelo poeta Robert Bly, que enxergava a crise como consequência de uma masculinidade tóxica e pregava a recuperação através de rituais de masculinização em retiros nos finais de semana.

Em 2017 o movimento *Me Too* que surgiu em 2006 em combate ao assédio sexual, ganhou força, corroborando a ideia de crise da masculinidade, assim como a noção de masculinidade tóxica. Entretanto, de acordo com Cabrera (2023), o Movimento Mitopoético dos Homens foi o responsável por cunhar pela primeira vez o termo Masculinidade Tóxica.

O movimento Mitopoético dos Homens, que surgido na década de 80 nos EUA, foi responsável pelo primeiro uso da expressão “masculinidade tóxica”. Este grupo entendia que havia uma crise da masculinidade e, como solução, promoviam encontros exclusivos para os homens, onde realizavam ritos de passagem, em busca do encontro com uma masculinidade primitiva. (Cabrera, 2023, p. 57)

De acordo com o autor, a masculinidade tóxica, enquanto construção sobre o masculino que apresenta padrões de comportamento danosos para si e para outros, surgiu em resposta ao movimento feminista. A crise da masculinidade moveu os homens a buscarem o “resgate da masculinidade primitiva”, afirmando que estariam vivendo uma masculinidade tóxica. A construção do entendimento de masculinidade tóxica, como resultado do afastamento de uma masculinidade primitiva, contribuiu para que o termo masculinidade tóxica fosse cunhado.

[...]a masculinidade tóxica passou a ser comumente identificada como a causa de muitos problemas relacionados à masculinidade, principalmente da violência contra mulheres, gays e outros grupos minoritários. Todavia, nesta perspectiva, os homens, além de agressores, também são identificados como vítimas da masculinidade tóxica. (Cabrera, 2023, p. 68).

A masculinidade tóxica foi construída como violenta. Essa violência afeta não apenas as vítimas, mas também os sujeitos que são autores das violências. Na busca pelo que era compreendido como caminho possível para cura da masculinidade tóxica, direcionamento como rituais com a presença apenas de homens era uma das orientações. O discurso de exclusão do feminino foi construído como necessário para a cura da violência que o homem causava e vivenciava. O sujeito másculo teria que estar distante também das mães, para que fosse possível resgatar a natureza da masculinidade primitiva, que configurava uma performance de masculinidade não violenta. A construção dicotômica masculino distante do feminino, permanecia como uma fórmula para se resgatar a natureza perdida.

A masculinidade tóxica foi construída na perspectiva relacional do gênero entre si, homens e homens, apesar de considerarem que masculinidade tóxica era perder o que entendiam enquanto masculinidade primitiva. O que nomearam de resgate de

masculinidade primitiva pode ser pensado como origem de uma das faces da masculinidade tóxica, homens e homens enquanto sujeitos determinando comportamentos de gênero e sexualidade para modos de ser/estar masculinos.

Essa busca histórica por resgatar um sujeito que foi emasculado corrobora a construção do homem nordestino que também estaria em crise, uma crise motivada ou resultado da perda do poder de comando político e econômico do Nordeste Brasileiro, que se dá com a crise da economia canavieira e a transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro. Ao perder o seu poder econômico e político, o homem nordestino teria entrado em crise. “O nordestino é definido como macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência que se encontrava” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 150). O discurso prevalecia contra uma sociedade “matriarcal”, efeminada que estaria surgindo e sendo causadora do declínio da região. Assim como a masculinidade tóxica, o cabra-macho também foi pensado pelos homens, entre homens. Um resgate histórico de características regionais de masculinidade para que dessa junção o cabra-macho fosse construído.

Berth (2023) atribui a macheza às características que constroem a masculinidade tóxica, os atributos de violência e virilidade estariam presentes nessa construção de homem, que teria “[...] a permissão para violentar e subjugar tudo o que se opõe ao seu atributo de valor humano” (Berth, 2023, p. 188). Os discursos que constroem a masculinidade tóxica atribuem uma singularidade ao modo de ser homem, para além da exclusão do feminino, existe uma busca em fomentar a força através da virilidade como atributo inegociável, do mesmo modo que o homem nordestino estava sendo pensado para restaurar a região. Barduni Filho (2017) considera a cultura heteronormativa responsável por definir a aprendizagem de ser macho enquanto exclusão do universo feminino.

Nessa perspectiva, Rafael Ferraz Baptista (2019) atribui a toxicidade aos padrões de comportamentos que limitam a possibilidade de ser homem, o que seria prejudicial aos sujeitos masculinos. O autor descreve que:

[...] as masculinidades tóxicas contaminam e condicionam a formação do homem, colocando-o em situação de subordinação em relação à masculinidade hegemônica e por consequência esses valores se reproduzem no ambiente escolar, reforçando as relações tóxicas, acarretando em práticas carentes de afetividade e pautadas no medo e no autoritarismo (Baptista, 2019, n.p).

Para o autor, o homem teria sido capturado pelas “masculinidades tóxicas”. Esse pensamento corrobora o descrito pelo movimento Mitopoético dos homens diante da reflexão que algo corrompeu a masculinidade boa, que seria a natural. Diverge apenas ao não relacionar com uma regeneração a partir do distanciamento do feminino. “[...] as hierarquias de gênero, em que o homem precisa estar no poder, acabam sendo justificadas por meio dessa toxicidade dos sujeitos” (Wesley Hericles Almeida Lopes, 2023, p. 16). O pensamento de Baptista (2019) e Lopes (2023) descreve que a masculinidade seria um processo de intoxicação das subjetividades dos homens. Baptista (2019) estabelece enquanto masculinidade hegemônica diante da busca por manter a dominação dos homens contra as mulheres poderia promover “práticas tóxicas – incluindo a violência física - [...]” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 255). Consideramos o descrito como pensamentos que precisam ser ampliados, práticas tóxicas são pontuais e reverberam não apenas em situações das relações de gêneros. As práticas tóxicas podem surgir em diversas situações, sejam no trabalho e independente de gênero, feminino ou masculino. As práticas tóxicas remetem a uma possibilidade de cura e não promovem o recorte do masculino especificamente. Se considerarmos as masculinidades tóxicas enquanto “práticas tóxicas”, estaria o movimento Mitopoético dos homens em parte certo, pois as definiu como um estado de adoecimento.

As masculinidades hegemônicas podem ser violentas, com práticas tóxicas, mas também podem ser positivas, de acordo com a construção histórica social. “Talvez fosse possível que uma maneira de ser homem mais humana, menos opressiva, pudesse se tornar hegemônica como parte de um processo que levaria à abolição das hierarquias de gênero” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 245). Ou seja, podemos ter, em uma determinada sociedade ou cultura, uma performance masculina hegemônica que apresente divisão igualitária de tarefas no lar, inexistência de violência contra mulher por questões de gênero. Entretanto, quando pensamos na construção histórica social que perpassa as práticas discursivas presentes na cultura que reflete nas masculinidades tóxicas, não temos possibilidade de uma performance masculina tóxica com características positivas. Ressaltamos ainda que as masculinidades hegemônicas não são pensadas enquanto processos que prejudicam os homens que vivenciam a hegemonia. Enquanto as masculinidades tóxicas, têm como uma de suas faces as violências que os sujeitos cometem contra si, como reflexo dessa construção de masculinidade. Consideramos ainda que podemos ter masculinidades tóxicas hegemônicas em determinada cultura.

Em sua pesquisa, Baptista (2019) argumenta que “[...] as masculinidades tóxicas contaminam e condicionam a formação do homem, colocando-o em situação de subordinação em relação à masculinidade hegemônica” (Baptista, 2019, n.p). Ao pensar em masculinidade hegemônica, o autor a considera singular. Entretanto, Connell (1995), Seffner (2016) e Barduni Filho (2017) afirmam as pluralidades nas possibilidades das Masculinidades hegemônicas, que estão atreladas às construções históricas sociais e culturais. “A hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 245). As masculinidades hegemônicas se constituem enquanto supremacia entre as demais performances masculinidades, também plurais. Baptista (2019) considera as masculinidades tóxicas subordinadas à masculinidade hegemônica. Mas, conforme temos discutido, as masculinidades são plurais, e as masculinidades tóxicas se configuram como uma forma de ser/estar masculino, que pode ser hegemônica em determinado contexto. “A característica fundamental do conceito continua a ser a combinação da pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre masculinidades” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 245). Discutimos anteriormente que as masculinidades hegemônicas podem ser positivas, nesse pensamento podemos considerar que de acordo com o momento histórico e atravessamentos culturais as masculinidades tóxicas possam configurar-se como hegemônicas ou cúmplices.

Para Connell e Messerschmidt (2013), as masculinidades cúmplices são construídas através dos benefícios do patriarcado, entretanto não aderem a um forte interesse de dominação. “O conceito caracteriza sujeitos que não correspondem necessariamente ao ideal lançado pela **Masculinidade Hegemônica**, mas que mesmo assim a valorizam, pois, possivelmente, usufruirão dos benefícios que ela lhes acarretará” (João Paulo Baliscei; Geisa Carolina Calsa, 2018, p. 194). As masculinidades tóxicas podem performatizar entre cúmplices e hegemônicas de acordo com o contexto dos sujeitos.

Tomemos como exemplo as práticas discursivas instauradas nas normas para construir o modelo de homem nordestino, percebemos as masculinidades que atravessam o cabra-macho configuram uma aproximação ao modelo de masculinidades tóxicas. Entretanto, “as condições sob as quais a hegemonia pode ser sustentada estão constantemente mudando. Como consequência, um dado padrão de masculinidade hegemônica está sujeito ou a ser contestado ou a ser transformado ao longo do tempo”

(Connell, 1995, p. 192). Desse modo, podemos ter, em dado momento histórico, uma masculinidade hegemônica no Nordeste Brasileiro, ou em outras regiões, que não configure violência contra si nem contra outros/as. “O conceito de masculinidade hegemônica presume a subordinação de masculinidades não hegemônicas [...]” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 262). Assim, as masculinidades tóxicas podem configurar como cúmplices, saindo da condição de masculinidades hegemônicas, de acordo com o contexto sociocultural.

Quando pensamos sobre a construção dos modelos de masculinidades, encontramos uma genealogia do poder descrita por Foucault (2014). As construções de masculinidades perpassam as arenas de disputas, os jogos de poder se instalam como busca para estabelecer uma supremacia. Sabendo que essa supremacia não significa permanência fixa de determinada característica de masculinidade, pois os jogos de disputa permanecem, as estratégias são multifacetadas de acordo com a intencionalidade da construção dos modelos sociais de ser/estar masculino.

Foucault (2014) nos descreve que os discursos se estabelecem em relações de poder, onde temos poder, existe a possibilidade de resistências. Os sujeitos se constroem, e esse processo de construção não acontece na inércia das possibilidades de ser/estar, é possível uma fuga para outras formas de ser homem. Os padrões estabelecidos para ser homem também podem resultar em uma masculinidade hegemônica positiva. A possibilidade de construção de masculinidades positivas perpassa o nosso entendimento, sabemos que as resistências podem configurar outras formas de ser homem. As resistências dentro das relações de poder permitem aos homens buscarem outras formas de masculinidades.

Masculinidades tóxicas: infâncias e vivências adultas

Diante do contexto histórico social e cultural, consideramos que as masculinidades tóxicas são construídas desde a infância. Isabella da Costa Cassiano, Paula Fernanda Oliveira e Thiago Henrique Muniz Morilha (2020) descrevem que esses padrões estabelecidos desde a infância para os homens “podem de alguma forma provar, adoecer e aprisioná-los” (2020,n.p). “[...] a narrativa convencional vê o gênero como um molde social cuja marca é estampada na criança, como se as personalidades masculinas saíssem, como numa fábrica de chocolate, da ponta de uma esteira” (Connell, 1995, p. 190). Concordamos com o pensamento da autora, as práticas discursivas que repercutem na construção das masculinidades tóxicas não estão apenas

como construto dos papéis de gênero. “A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações [...]” (Louro, 2008, p. 18).

Compactuamos com a percepção do que vamos chamar de “sedução ao mundo masculino”. Essa sedução está distribuída também nas pedagogias culturais. Marisa Vorraber Costa e Paula Deporte De Andrade (2015) descrevem que as pedagogias culturais operam nas aprendizagens de subjetivação, ensinando-nos a “ser um certo tipo” de sujeito. As autoras argumentam que as pedagogias culturais aludem “à formatação das crianças pelos diversos artefatos midiáticos, uma infância que denominam de pré-fabricada – a infância construída por grandes corporações [...]” apud Shirley Steinberg; Joe Kincheloe (2004). As narrativas construídas nos diversos campos midiáticos configuram-se como práticas educativas, ou seja, pedagogias culturais, que ensinam os modos de ser dos sujeitos. “A pedagogia não é, então, privativa das práticas escolares, religiosas e familiares” (Costa; De Andrade, 2015, p. 845). As narrativas construídas através de super-heróis, os desenhos animados, filmes, imagens, entre outros, podem ser vistos como didáticos no que concerne às aprendizagens de ser/estar enquanto sujeitos no mundo.

Nessa perspectiva, Anderson Ferrari, Roney Polato de Castro e Thomaz Spartacus Martins Fonseca (2023) apresentam a narrativa das masculinidades construídas através do filme Toy Story 3. Três personagens configuram modelos de masculinidade, *cowboy* Wood, o ursinho Lotso e o boneco Ken. “As masculinidades vão sendo constituídas nas personagens, cenas, diálogos, narrativas e discursos que são colocados em ação durante a animação” (Ferrari; Castro; Fonseca, 2023, p. 204). As práticas educativas são acionadas para apresentar as possibilidades de masculinidades, elencando como heróis a que mais se aproxima da hegemonia, o *cowboy* Wood.

As pedagogias culturais presentes no filme constroem as masculinidades mais valorizadas, a que é entendida como heróica. No universo das crianças, essas mensagens são também responsáveis pela construção das subjetividades de ser/estar masculino/feminino. “[...] modos de ser menino e de ser menina, considerando as referências hegemônicas de masculinidade e de feminilidade que circulam na cultura” (Ferrari; Castro; Fonseca, 2023, p. 206), seguem sendo construídos. Isabel de Oliveira e Silva e Iza Rodrigues da Luz (2010), em uma pesquisa realizada na educação infantil com crianças de 0 a 3 anos, descrevem que a dicotomia de masculino e feminino perpassa esse espaço através dos discursos das educadoras. As pesquisadoras afirmam que as

educadoras “[...] orientam-se por uma imagem de masculinidade que priva os meninos de maior contato corporal e afetivo e de experiências significativas de convivência e brincadeiras tidas como adequadas somente para as meninas” (Silva; Luz, 2010, n.p). Os meninos são incentivados a brincadeiras que envolvem riscos maiores e que necessitam de mais força para realizar. Nesse pensamento, quando discutimos sobre a construção das masculinidades tóxicas serem desde a infância, não entendemos de modo simplista. Antes, percebemos os discursos dentro do arcabouço histórico social para o direcionamento da construção de subjetividades de acordo com os modelos de sociedade que se quer formar.

Connell e Messerschmidt (2013), ao repensarem o conceito de masculinidades hegemônicas, expandiram a compreensão para três contextos construtivos: local, regional e global.

local: construídas nas arenas da interação face a face das famílias, organizações e comunidades imediatas, conforme acontece comumente nas pesquisas etnográficas e de histórias de vida; 2. regional: construídas no nível da cultura ou do estado-nação, como ocorre com as pesquisas discursivas, políticas e demográficas; e 3. global: construídas nas arenas transnacionais das políticas mundiais, da mídia e do comércio transnacionais, como ocorre com os estudos emergentes sobre masculinidades e globalização (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 267)

Acreditamos que a divisão realizada não tem por intencionalidade manter uma ideia fixa de construção das masculinidades, antes ela traz um olhar para pensar essa construção a partir de determinados espaços. Os sujeitos atravessam esses espaços no decorrer de sua existência, as pessoas estão de forma concomitante inseridas nas três esferas citadas: local, regional e global. Pensando nas masculinidades nordestinas, o ideário de construção do cabra-macho atravessou essas esferas. Entretanto, diante dos aspectos culturais acionados pelas condições geográficas da região, a esfera cultural foi preponderante, assim como a local, pois as famílias estariam inseridas em uma cultura na qual constroem práticas discursivas nos lares e nas relações familiares. Os aspectos globais foram uma forma de construir/expor essa construção, através das mídias, com filmes e literaturas.

Uma região feroz precisava de homens rústicos, resistentes, viris, fortes, ríspidos, membrudos como os ancestrais indígenas; altivos, fortes, independentes e às vezes autoritários, cruéis e impiedosos com “as classes humilhadas” como os ancestrais portugueses; resistentes e trabalhadores como os ancestrais africanos. (Albuquerque Júnior, 2013, p. 171)

A masculinidade nordestina que nomeou o homem nordestino enquanto cabra-macho não tem espaço para aspectos femininos, até as mulheres foram pensadas como mulher-macho também. O cabra-macho, para além de construir os homens, perpassou as mulheres na perspectiva de acionamento de força. Nesse homem não tinha espaço para aspectos que pudessem relacionar-se ao universo da mulher, assim como essa mulher é pensada para atender a força necessária para os sujeitos da região. Estaria o cabra-macho enquanto um sujeito construído na perspectiva das masculinidades tóxicas?

Para Raí Carlos Marques de Paula, Fátima Niemeyer da Rocha (2020), a masculinidade tóxica se desenvolve enquanto violência contra as mulheres e contra os próprios homens, quando são educados para não expressar emoções. São danosas para os homens que as vivenciam em aspectos individuais no que tange os comportamentos de risco assumidos, na falta de cuidado com a saúde para não demonstrar fragilidade, no conter das emoções, para atender à célebre frase que “homem que é homem não chora”. “Adequar-se aos papéis de gênero gera nos homens estresse, tensão e ansiedade, na medida em que não cumpri-los significa perda de status social” (Oscar Guasch Andreu, 2014, p. 48). Desencadeiam ainda os comportamentos violentos entre seus pares, assim como entre mulheres e pessoas LGBTQ+. Renan Gomes de Moura (2019) descreve que os homens gays tornam-se alvos da masculinidade tóxica por se aproximarem do universo feminino, contrariando a norma padrão heterossexual. As masculinidades tóxicas constroem, violentam e matam.

Sabemos que uma construção histórica fomentou os padrões oriundos do patriarcado, imergidos em características geográficas da Região Nordeste, que adicionaram aspectos culturais específicos dessa parte do Brasil, para construir esse homem em resposta ao modelo feminino. “Os grupos hegemônicos têm dificuldades de assumir que seus poderes produzem efeitos secundários nocivos, inclusive para aqueles que os exercem” (Guasch Andreu, 2014, p. 48). De acordo com o contexto histórico descrito por Albuquerque Júnior (2013), o Nordeste quando pensou o modelo de homem buscava uma hegemonia na construção do sujeito nordestino. A intencionalidade transpassou os aspectos culturais, políticos, econômicos e geográficos, haja vista que essa última característica estava ligada às condições secas e áridas da região, que seriam responsáveis por personificar um “[...] cabra por ser como este animal, tão bem adaptado a esta natureza de pedra, seca[...].” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 171). A virilidade é convocada enquanto resposta também às questões climáticas da região, só um macho poderia suportar essas condições, “Os homens fracos, débeis, delicados, impotentes,

frágeis, afeminados não teriam lugar em uma terra assim, não sobreviveriam” (Albuquerque Júnior, 172). Esses discursos construíram a representação do cabra-macho nordestino. Diante desse entendimento, seguimos para pensar as masculinidades tóxicas como aproximação ao modo de ser/estar do homem nordestino, o cabra-macho. Poderíamos seguir pensando que o cabra-macho nordestino foi construído com aproximações das masculinidades tóxicas?

Pesquisa realizada na capital paraibana, João Pessoa, revelou que uma das dificuldades dos homens em procurar os serviços de saúde encontra-se na feminilização desses espaços. “A perspectiva de gênero característica dos cenários das UBSs precisa ser repensada, uma vez que a feminilização desses espaços representa um impedimento para a atenção à saúde do homem.” (Renata Livia Fonseca Moreira; Wilma Dias de Fontes; Talita Maia Barboza, 2014, p. 619). A falta de cuidados com a saúde é uma das características das masculinidades tóxicas. Diante dessa constatação, precisam as UBSs repensar as características que efeminizam os espaços? Precisamos repensar a educação das crianças no que tange às áreas de gênero e sexualidade? As construções discursivas que se iniciam na infância constroem representações de espaços, símbolos, comportamentos, pertencentes aos gêneros. Nesses contextos, o masculino e feminino se constroem através do saber-poder, estabelecendo verdades. No caso de o espaço estar “feminilizado”, provoca um afastamento dos homens, pois esses, diante da construção discursiva sobre o masculino, precisa estar longe de situações que possam direcionar para questionamentos sobre a masculinidade.

Diante das leituras e problematizações, percebemos as masculinidades tóxicas enquanto uma construção histórica social, que ocorre na esfera cultural, iniciada desde a infância e que se desdobram em violências contra si e contra outros/as, sendo responsável pelos altos índices de violência contra mulheres e LGBT+. Apresenta uma performance da face mais perversa do ser masculino de acordo com o contexto sociocultural. Nessa perspectiva, problematizamos que a busca por uma hegemonia masculina na construção do homem nordestino trouxe consigo uma performance de masculinidade nordestina próxima à masculinidade tóxica, performatizada no cabra-macho. “Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela” (Connell, 1995, p.189). Sabemos que as masculinidades hegemônicas assim são caracterizadas por modos de relacionar-se com os gêneros, sendo uma de suas características a subordinação das mulheres aos homens. Assim, torna-se importante para

o estudo perceber as características que diferenciam e unem a performance do cabra-macho nordestino enquanto masculinidades tóxicas.

Considerações Finais

Ao longo do artigo, buscamos nos aproximar das análises advindas das perspectivas pós-estruturalistas de inspiração foucaultiana, que nos conduziu a revisitar e ressignificar um passado do qual somos herdeiros e resultado. No entanto, ressignificar é perceber os assujeitamentos, o porquê de os sujeitos serem o que são. A pergunta que podemos acionar e que buscamos problematizar no texto foi: Teria o homem nordestino as masculinidades tóxicas em sua construção? Diante das discussões podemos pensar que ocorreu uma aproximação entre o cabra-macho e a masculinidade tóxica. O homem nordestino foi pensando com o objetivo de fomentar uma masculinidade hegemônica, entretanto aproximou-se de uma masculinidade tóxica nessa busca pela hegemonia.

Os estudos anteriores basilares inicialmente para pesquisa contribuíram para perceber que os sujeitos masculinos não apresentam “práticas tóxicas”, “intoxicação”, “tóxicidade”, entre outros adjetivos. Antes, na perspectiva patriarcal de construção das subjetividades as masculinidades tóxicas são formas de ser/estar masculino, assim como o cabra-macho. Problematizamos essa construção realizada desde a infância, que influencia nas relações adultas, podendo estar presente nas relações durante a infância e juventude, em violências geradas através das relações de gênero, assim como pela supressão de emoções dos sujeitos masculinos.

Entretanto, não temos estudos que apresentem essa construção no espaço escolar, assim como os discursos que constroem o cabra-macho atravessados pelas masculinidades tóxicas. Sabemos que, no espaço escolar, estabelecem-se e configuram-se possibilidades de ser/estar masculino e feminino. Depois da família, a escola está como espaço que no Brasil os sujeitos estarão presentes em algum momento da vida. Nesse espaço, as relações de saber-poder estão presentes entrelaçadas com discursos de gêneros e sexualidades, assim como as subjetividades dos sujeitos são atravessadas por discursos que podem assujeitar ou se desassujeitar. Desse modo, de acordo com as discussões iniciais da pesquisa, problematizar os discursos que constroem as masculinidades tóxicas e, por conseguinte, o homem nordestino, o cabra-macho, no espaço escolar, torna-se um importante saber para sociedade.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. Moreira de. *Nordestino: invenção do “falo”- uma história do gênero masculino (1920-1940)*. 2ª. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- BALISCEI, João Paulo; CALSA, Geiva Carolina. O bom, o abjeto e o cômico: construção visual das masculinidades na animação Aladdin (1992). *GÊNERO*. v.19. n.1. p. 184 – 203. Niterói: 2 sem. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31298>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- BARDUNI FILHO, Jairo. *Masculinidades: Um Jogo de Aproximações e Afastamentos, o Caso do Jornal Estudantil O Bonde*. 215f. 2017.
- BERTH, Joice. *Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades*. 2.ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASSIANO, Isabella da Costa ; OLIVEIRA, Paula Fernanda de; MORILHA, Thiago Henrique Muniz. Psicologia social comunitária na compreensão e desconstrução da masculinidade tóxica. In: 13ª SEMANA ACADÊMICA DE PSICOLOGIA. v.7 n.7, Santa Fé do Sul, 2020. *Anais [...]*. São Paulo. Disponível em: <https://seer.unifunec.edu.br/index.php/ASP/article/view/5164>. Acesso em: 14 out.2023.
- CONNELL, Robert. W. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 01 nov.2023.
- CONNELL, Robert W. ; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt#>. Acesso em: 01 nov.2023.
- COSTA, Marisa Vorraber; DE ANDRADE, Paula Deporte. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. *Perspectiva, [S. l.]*, v. 33, n. 2, p. 843–862, 2015. DOI: 10.5007/2175-795X.2015v33n2p843. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n2p843>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- DE PAULA, Raí Carlos Marques; DA ROCHA, Fátima Niemeyer. Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da psicologia positiva. *Revista Mosaico*. 2019 jul/Dez.; 82-88. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1835/1336>. Acesso em: 26 out. 2023.

SEFFNER, Fernando. *Derivas da Masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Jundiaí, Paco Editorial, 2016.

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato; FONSECA, Thomaz Spartacus Martins. Masculinidades, Cinema e Subjetividades em *Toy Story III*. In: *Textura*. Rio Grande do Sul. v.25. n.61, p. 202-221, jan/mar.2023. Disponível em: , <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/7290/4567>. Acesso em: 03 out. 2023.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*; tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16ª. Ed. RJ/SP, Paz e Terra, 2023.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf> Acesso em: 4 nov. 2023.

BAPTISTA, Rafael Ferraz. *As percepções de professores sobre as influências das masculinidades tóxicas nas vivências pessoais e profissionais*. 2019, 122f. (Programa de Pós Graduação Profissional em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11922>. Acesso em: 26 out.2023.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. Os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições, 2019.

LOPES, Wesley Hericles Almeida. *Discursos Sobre A Masculinidade Tóxica Nas Mídias Digitais: da formação do objeto às ressonâncias biopolíticas*. 2022, 110f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros) - Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Pau do Ferros, 2022. Disponível em: <https://sites.google.com/uern.br/programa-de-dissertacoes2022/in%C3%ADcio>. Acesso em: 26 out. 2023.

LOURO, Guacira. Lopes.. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 22 mar. 2024.

MOURA, Renan Gomes de. A masculinidade tóxica e seus impactos na vida dos gays dentro das organizações. *Revista ciências do trabalho*. n. 13, p. 125-139, 2019. Disponível em: <https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/view/194>. Acesso em: 14 out. 2023.

CABRERA, Isaque do Nascimento. *Masculinidades Adquiridas: análise do discurso publicitário e suas soluções para os problemas da masculinidade tóxica*. 2023. 91f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/52340>. Acesso em: 26 out.2023.

GUASCH ANDREU, O. Por uma perspectiva social e política de Gênero e sexualidade. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.]*, v. 8, n. 11, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6542>. Acesso em: 17 mar. 2024.

MENEGHEL, Stela. Nazareth. et al.. Suicídio de idosos sob a perspectiva de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 8, p. 1983–1992, ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/YppBcQyQXcMMJTMkGqCCZw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2014.

SILVA, Isabel. DE Oliveira ; LUZ, Iza. Rodrigues. DA .. Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero. *Cadernos Pagu*, n. 34, p. 17–39, jan. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/HWLCtRczHVNcV4HcHcXbZ6R/abstract/?lang=pt#ModelHowcite>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SILVA, Taynara. Lais. et al.. Spatial Analysis Of Suicide In Northeastern Brazil And Associated Social Factors. *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 31, p. e20210096, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/bc68FMB6qhHTD3SLGcGFRDh/?lang=pt#>. Acesso em: 17 mar. 2014.

MOREIRA, Renata. Lívia. Silvia. Fonseca.; FONTES, Wilma. Dias. De .; BARBOZA, Talita. Maia.. Dificuldades de inserção do homem na atenção básica a saúde: a fala dos enfermeiros. *Escola Anna Nery*, v. 18, n. 4, p. 615–621, out. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/L3xtvr9GSMGK4YxMgGhMTZd/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 17 mar. 2024.

MEIRA, Karina Cardoso; DANTAS, Eder Samuel Oliveira; JESUS, Jordana Cristina de Jesus Suicídio: uma questão de gênero. *Demografia*. mar. 2012. Disponível em: <https://demografiaufrn.net/2021/03/22/suicidio-uma-questao-de-genero/>. Acesso em: 17 mar. 2024.

HOSPITAL SANTA MÔNICA. *Hospital Santa Mônica*, 2023. Quais os índices de suicídio no Brasil? Fique por dentro dos dados. Disponível em: <https://hospitalsantamonica.com.br/quais-os-indices-de-suicidio-no-brasil-fique-por-dentro-dos-dados/>. Acesso em: 17 mar. 2024.

ACOSTA BUSTAMANTE, Leonor. El cuerpo fascista recuperado: la exploración de la masculinidad en Fight Club. *Daimon Revista Internacional de Filosofía*, p. 573–582, 2017. Disponível em: <https://revistas.um.es/daimon/article/view/268841/202351>. Acesso em: 08 abr. 2024.

SPIZZIRRI, Giancarlo; PEREIRA, Carla Maria de Abreu; ABDO, Carmita Helena Najjar. O termo gênero e suas contextualizações. *Diagn Tratamento*, 2017. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2014/v19n1/a3969.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2024.

DANTAS, karina. Violência contra a mulher aumenta 22% no Nordeste no primeiro semestre de 2023. *Agência tatu*, 08 ago. 2023. Disponível em: <https://www.agenciatatu.com.br/noticia/violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em: 08 abr. 2024.

Grupo Gay Bahia (GGB). *Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020*. Disponível em: https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2022/05/Dossie_2020_Observatorio_Mortes_Violencias_contra_LGBTI_Brasil-AconteceLGBTI_GGB.pdf.pdf. Acesso em: 08 abr. 2024.

Grupo Gay Bahia (GGB). *Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil - Dossiê 2021*. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2022/05/Dossie-de-Mortes-e-Violencias-Contra-LGBTI-no-Brasil-2021-ACONTECE-ANTRA-ABGLT-1.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2024.

Grupo Gay Bahia (GGB). *Dossiê denuncia 273 mortes e violências de pessoas LGBT em 2022*. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/todos-dossies/mortes-lgbt-brasil/>. Acesso: 08 abr. 2024.

BRASIL. Senado Federal. *Política Nacional de Proteção aos Órfãos de Femicídio avança na CDH*. Sítio eletrônico 2023. Disponível em: <https://bitlybr.com/mOzJ>. Acesso em: 08 abr. 2024.

BRASIL. Senado Federal. *Quase 30% das mulheres já sofreram violência*. Sítio eletrônico 2024. Disponível em: <https://bitlybr.com/QllJ>. Acesso: 08 abr. 2024.

FECHINE, Dani. Femicídio cresce 30% na Paraíba em 2023. *G1 Paraíba*, Paraíba, 01 fev. 2024, Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2024/02/01/femicidios-crescem-34percent-na-paraiba-em-2023.ghtml>. Acesso em: 08 abr. 2024.

Recebido em abril de 2024.

Aprovado em julho de 2024.